



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

# PANORAMA CONJUNTURAL

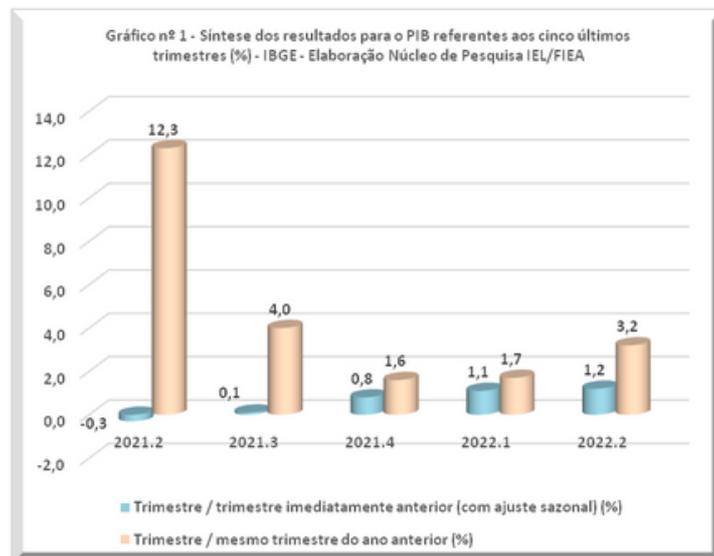
Agosto de 2022

## Mercado espera crescimento de 2% do PIB em 2022

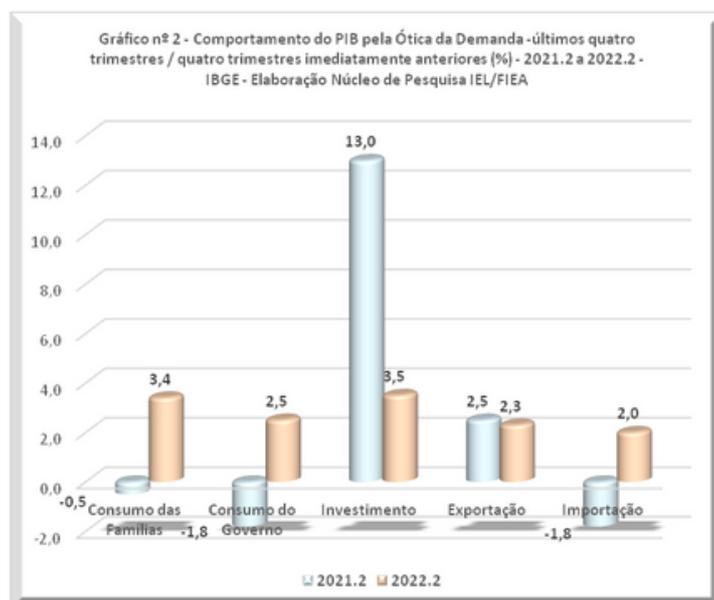
O PIB brasileiro no segundo trimestre de 2022 surpreendeu o mercado positivamente, com as taxas tanto na margem como em relação ao mesmo trimestre do ano anterior trimestre da ordem de 1,2% e 3,2%, respectivamente. (ver gráfico nº 1). Do ponto de vista da demanda, a média dos últimos quatro trimestre em relação aos imediatamente anteriores, mostrou crescimento do consumo das famílias, do governo, dos investimentos (basicamente construção civil e máquinas agrícolas), das exportações e importações, conforme gráfico nº 2.

Mais uma vez, os três fatores que vinham levando o mercado financeiro a revisar para cima o crescimento do PIB no segundo trimestre foram elencados pelos analistas econômicos. O primeiro tem a ver com o impacto de uma série de antecipações de benefícios fiscais como liberação de FGTS, do décimo terceiro para aposentados e pensionistas, vale gás para população carente, aumento do Auxílio Brasil para R\$ 400,00 e recentemente para R\$ 600,00, beneficiando cerca de 20 milhões de brasileiros. O segundo fator diz respeito ao efeito temporário da redução do ICMS nos preços da energia e combustíveis na taxa de inflação, como será discutido no próximo tópico. O terceiro está diretamente relacionado com o crescimento esperado do setor de serviços cuja estimativa de crescimento saltou de 0,3% em janeiro para 3,1% em setembro. A explicação para o crescimento acima do esperado pelo setor de serviços, que responde por 70% do PIB, está no uso da poupança acumulada pela classe média em 2020 e 2021 associada ao relaxamento das restrições sociais impostas pela COVID-19 alavancando o setor de entretenimento.

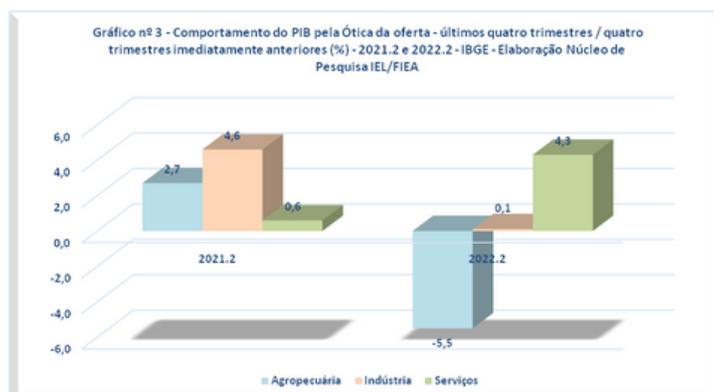
Do segundo trimestre de 2021 ao mesmo período em 2023, comparando-se os últimos quatro trimestres com igual período imediatamente anterior, o setor que apresentou maior crescimento foi o de serviços de 4,3%. A indústria estagnou com 0,1% e o setor agropecuário caiu 5,5%. Estes indicadores mostram a dificuldade enfrentada pela indústria para sair da estagnação, o que dificulta o aumento da produtividade da indústria, condicionando o crescimento da economia brasileira ao setor que menos agrega valor na economia, o que aumenta as chances de mais um “voo de galinha”. Não é sem razão que dos 98,3 milhões de pessoas empregadas hoje no Brasil a larga maioria encontra-se no setor de serviços, são informais e recebem até dois salários mínimos.



Fonte: Núcleo de Pesquisa IEL/AL



Fonte: Núcleo de Pesquisa IEL/AL



Fonte: Núcleo de Pesquisa IEL/AL

Por fim, o crescimento do PIB acima do esperado parece ter levado a um maior otimismo nas expectativas dos empresários da indústria, mesmo que haja dúvidas quanto a sua sustentabilidade. De acordo com pesquisa da CNI, “A indústria registrou, em agosto de 2022, o quarto avanço mensal consecutivo da produção e do emprego. O resultado de agosto também demonstra crescimento mais forte e disseminado do que em julho. Em setembro, as expectativas da indústria seguem otimistas e a intenção de investimento avançou pelo segundo mês consecutivo”. O próprio mercado financeiro revisou para cima suas expectativas de crescimento da indústria em 2022, passando de 0,2% em janeiro para 1,27% em setembro. Em 2024, no entanto, a expectativa é de crescimento próximo a zero.

## A deflação de agosto de 2022

Assim como no mês de julho, o IPCA mensal registrou deflação de menor magnitude 0,36% com o índice acumulado em doze meses retraindo 1,3%, ou seja, passando de 10,1% de julho para 8,7% no mês seguinte. Por sua vez, os dados da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (ANBIMA), a partir da diferença entre os títulos públicos pré-fixados e os corrigidos pelo IPCA, vem captando sinais explícitos de desaceleração da inflação uma vez que o índice implícito de inflação alcançou recentemente o patamar de 5,3% no vértice de 252 dias úteis, contra 5,8% há um mês. A mediana do mercado financeiro para a inflação esperada nos próximos doze meses, pesquisa FOCUS/BCB, por sua vez, passou de 5,4% para 4,98%.

O maior alinhamento dos dados da ANBIMA e do FOCUS pode estar na expectativa de crescimento fraco em 2023 estimado em 0,5%. Apesar do caráter temporário da queda no IPCA, visto que a deflação nos últimos dois meses está diretamente associada ao efeito da redução das tarifas do ICMS sobre tarifas de energia e combustíveis (álcool, gasolina e diesel), que não deve perdurar por muito tempo em virtude dos efeitos negativos nas finanças estaduais. Além do efeito ICMS, a Petrobrás tem reduzido os preços dos combustíveis nas refinarias repassando, com mais frequência, as quedas das cotações do Brent em nível internacional e a apreciação do Real frente ao Dólar.

A resiliência das expectativas de inflação de 2023 e 2024 manter-se acima da meta, dando sinais de desancoragem ao BCB, tem levado uma parte ainda minoritária do mercado apostar na continuidade do ciclo de alta da selic, com mais uma alta de 0,25% na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM), atingindo 14% ainda em 2022. A curva DI[1] para janeiro de 2023 e 2024, por outro lado, projeta taxas de 13,78%<sup>aa</sup> e 13,25%<sup>aa</sup>, respectivamente, sinalizando possível interrupção no ciclo de alta da selic.

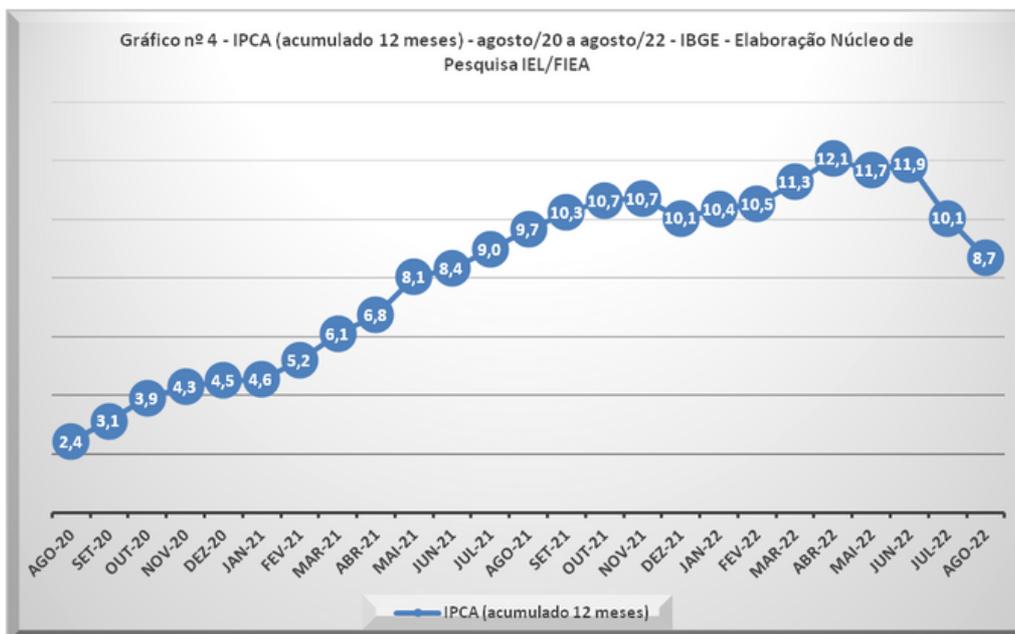
Em nome de um pretensão risco fiscal, o BCB tem sinalizado que os juros básicos continuarão acima de dois dígitos por um bom tempo, mesmo que em um ranking de juros reais em 36 países o Brasil possua a maior taxa com 8,5%, praticamente o dobro do segundo colocado que é o México, com 4,2%. O mercado tem revisado as expectativas de crescimento para este ano com a mediana alcançando 2,6% na última pesquisa Focus, mas continua estimando crescimento perto de 0,5% em 2023 uma vez que parte dos estímulos fiscais dados em 2022 cessarão. Até mesmo o setor de serviços que vem apresentando desempenho acima do esperado pelos analistas econômicos tem tido suas estimativas revisadas para baixo: de 3,3% em 2022 para 0,6% em 2023. Outro indicador importante com elevado peso na demanda interna que é o consumo das famílias segue a mesma trajetória, ou seja, de 3,1% para 0,5%, respectivamente.

Há consenso entre os analistas que inflação provocada pela COVID19, reforçada pela guerra da Ucrânia, é um fenômeno global e, em função da desorganização das cadeias de suprimentos (inclusive componentes eletrônicos) e das políticas monetárias e fiscais de estímulos, tem conduzido os Bancos Centrais a aumentarem suas taxas de juros, com possíveis efeitos recessivos em várias economias dos países desenvolvidos. No caso dos EUA, o monitor do FED espera aumento de 0,75% na taxa básica na reunião deste mês. Para complicar o BCE elevou sua taxa em 0,75% para fazer frente a inflação na zona do EURO acima de 8% e a economia chinesa tem desacelerado, em função de sua política de COVID-19 zero, puxando para baixo as estimativas de crescimento da economia global e continuará pressionando negativamente os preços das commodities.

Há alguns meses sustentamos que a política de juros altos, mesmo com a defasagem dos efeitos na ponta para consumidores e empresas, tem se mostrado pouco eficaz para fazer frente à inflação provocada, em grande medida, por choques sucessivos de oferta no caso brasileiro. As deflações tem resultado da redução do ICMS e dos preços das commodities, como apontado acima, e não em virtude da política de juros altos do BCB. As revisões para baixo no tocante ao desempenho da economia brasileira em 2023 vis a vis 2022 sinalizam que a atual política de juros altos pode não ter a eficácia esperada para combater a inflação, mas possivelmente contribuirá para reduzir o crescimento do PIB e aumentar a dívida pública brasileira.

[1] Taxa média de Depósitos Interfinanceiros de um dia

## A deflação de agosto de 2022



Fonte: Núcleo de Pesquisa IEL/AL

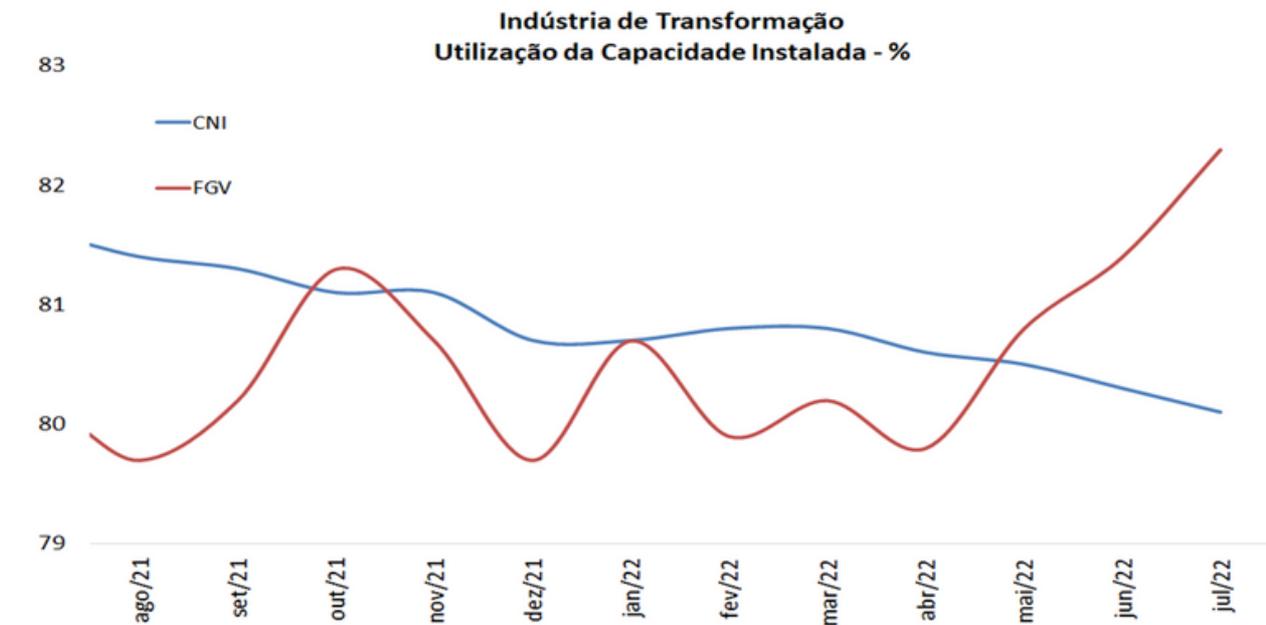
## A produção industrial brasileira em julho de 2022

A indústria brasileira em julho de 2022 registrou alta de 0,6% na produção, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2021 a produção industrial caiu 0,5%, mantendo a dinâmica de retração exibida em junho quando obteve queda de 0,5% (na mesma métrica). De acordo com avaliação do IEDI[2], “A segunda metade de 2022 começou com a indústria voltando ao positivo. A alta de +0,6% embora não seja expressiva, como tem sido a regra em 2022, foi suficiente para compensar o declínio registrado no mês anterior (-0,3%, com ajuste). A fragilidade do resultado não se deve tanto à sua intensidade, mas sim à sua concentração tanto setorial como regional. Frente ao mesmo mês do ano anterior (jul/21), apenas um dos macrossetores ficou na zona positiva: bens de consumo semi e não duráveis, com crescimento de mero +0,8%. Bens intermediários ficaram estagnados (0%), enquanto bens de capital (-5,8%) e bens de consumo duráveis (-0,8%) perderam produção.”

Ainda segundo o IEDI, “Em jul/22, a utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, progrediu de 81,4% em jun/22 para 82,3%, ficando acima da média histórica anterior à Covid-19 (79,5%). Em ago/22 este indicador praticamente não variou, ficando em 82,2%.” Já indicador da CNI “também com ajuste sazonal, vem se mantendo em patamar muito semelhante desde jan/22, apontando para a relativa estagnação do setor. De jun/22 para jul/22, variou de 80,3% para 80,1%. Assim, o indicador encontra-se pouco abaixo da média histórica anterior à pandemia de Covid-19 (isto é, até fev/20), que é de 80,7%”.

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,6	-0,5	-2,0	-3,0
Bens de capital	-3,7	-5,8	-1,6	3,7
Bens Intermediários	2,2	0,0	-1,7	-2,6
Bens de consumo	0,9	0,5	-2,7	-5,7
Bens de consumo duráveis	-7,8	-0,8	-10,2	-15,4
Semiduráveis e não duráveis	1,6	0,8	-0,8	-3,2
Extrativa Mineral	2,1	-3,8	-3,3	-1,7
Transformação	-0,4	0,0	-1,8	-3,2

# A produção industrial brasileira em junho de 2022



Fontes: CNI e FGV.

# Indicadores Conjunturais da Economia Brasileira

Índice de Preço (%)	2021					2022							
	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
IGP-DI	-0,14	-0,55	1,60	-0,58	1,25	2,01	1,50	2,37	0,41	0,69	0,62	-0,38	-0,55
INCC-DI	0,46	0,51	0,86	0,67	0,35	0,71	0,38	0,86	0,95	2,28	2,14	0,86	0,09
IGP-M	0,66	-0,64	0,64	0,02	0,87	1,82	1,83	1,74	1,41	0,52	0,59	0,21	-0,70
IPC-M	0,75	1,19	1,05	0,93	0,84	0,42	0,33	0,86	1,53	0,35	0,71	-0,28	-1,18
IPA-M	0,66	-1,21	0,53	-0,29	0,95	2,30	2,36	2,07	1,45	0,45	0,30	0,21	-0,71
INCC-M	0,56	0,56	0,80	0,71	0,30	0,64	0,48	0,73	0,87	1,49	2,81	1,16	0,33
IPC-FIPE	1,44	1,13	1,00	0,72	0,57	0,74	0,90	1,28	1,62	0,42	0,28	0,16	0,12
INPC	0,88	1,20	1,16	0,84	0,73	0,67	1,00	1,71	1,04	0,45	0,62	-0,60	-0,31
IPCA	0,87	1,16	1,25	0,95	0,73	0,54	1,01	1,62	1,06	0,47	0,67	-0,68	-0,36

Fonte: Ipeadata e Bacen.

	Indicadores de Confiança I		
	Indicadores do Cenário Externo		
	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Brent) em US\$	Ouro - Nova York (Fixing) em US\$
ago/21	1,31	74,33	1.776,57
set/21	1,49	83,63	1.766,77
out/21	1,56	82,81	1.786,51
nov/21	1,46	81,60	1.814,84
dez/21	1,51	83,62	1.826,62
jan/22	1,78	104,55	1.913,20
fev/22	1,82	106,89	1.921,20
mar/22	2,35	108,78	1.942,54
abr/22	2,94	106,83	1.911,69
mai/22	2,85	110,96	1.842,18
jun/22	3,02	104,46	1.817,88
jul/22	2,66	97,72	1.735,94
ago/22	3,20	90,88	1.677,89

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB)/ (FED)

Indicadores de Confiança II	
Meses	Risco Brasil
ago/21	307
set/21	314
out/21	337
nov/21	350
dez/21	337
jan/22	331
fev/22	332
mar/22	293
abr/22	321
mai/22	314
jun/22	334
jul/22	348
ago/22	295

Fonte: IPEADATA

Meses	Indicadores de Confiança III						
	Taxa de Câmbio Fim de Período R\$/US\$ - Vendas	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos próximos 12 meses Mediana	Taxa de Juros Real Ex-Ant	IPCA nos últimos doze meses	Taxa de Juros Selic (% a.a.)	Taxa Real Esperada Selic (a.a.)
ago/21	5,14	7,94	4,81	2,99	9,68	5,15	-4,13
set/21	5,44	8,70	5,36	3,17	10,24	6,15	-3,71
out/21	5,64	9,82	5,54	4,06	10,67	7,65	-2,73
nov/21	5,62	11,94	5,88	5,72	10,73	7,65	-2,78
dez/21	5,58	11,54	5,17	6,05	10,06	9,15	-0,83
jan/22	5,36	12,25	5,40	6,50	10,37	9,25	-1,01
fev/22	5,14	12,47	5,60	6,51	10,54	10,59	0,05
mar/22	4,74	12,72	5,70	6,64	11,30	11,25	-0,04
abr/22	4,92	13,01	5,90	6,71	12,13	11,75	-0,34
mai/22	4,73	13,39	6,40	6,57	11,73	12,65	0,82
jun/22	5,24	13,78	5,87	7,47	11,89	13,15	1,13
jul/22	5,19	13,72	4,80	8,51	10,07	13,15	2,80
ago/22	5,18	13,44	5,17	7,86	8,73	13,65	4,52

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

## INDICADORES DE DESEMPENHO

**PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS  
INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA**

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE  
ALAGOAS – FIEA**

### **Presidente:**

José Carlos Lyra de Andrade

### **1º Vice-presidente**

José da Silva Nogueira Filho

## UNIDADE TÉCNICA – UNITEC/FIEA

### **Coordenador**

Helvio Braga VilasBoas

### **Elaboração**

**Núcleo de Pesquisas do IEL/AL**

### **COORDENADORA**

Eliana Sá

### **Informações Técnicas**

Reynaldo Rubem Ferreira Júnior

Luciana Santa Rita

### **Consultora GI**

Morgana Maria Machado Moura

### **Estagiários**

Alexandre Freire de Albuquerque Alves

Caio Túlio Roberto de Melo Cavalcante

Juliana Alves de Melo

Pedro Monteiro de Oliveira



Contato  
(82) 2121-3085  
(Eliana Sá)